

Tanya L. Saunders

MODERNIDADE NEGRA

Tradução de Jess Oliveira



HIP HOP,
ARTIVISMO,
MUDANÇA SOCIAL
& EM HAVANA



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
RUI COSTA - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
JERÔNIMO RODRIGUES - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
ALESSANDRO FERNANDES DE SANTANA - REITOR
MAURÍCIO SANTANA MOREAU - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS
Rita Virginia Alves Santos Argollo

Conselho Editorial:
Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente
Alexandra Marselha Siqueira Pitolli
Andréa de Azevedo Morégula
Carlos Pereira Neto
Dejeane de Oliveira Silva
Iracildo Silva Santos
Helga Dulce Bispo Passos
Luciana Sedano de Souza
Lurdes Bertol Rocha
Maria Cristina Rangel
Maria Luiza Silva Santos
Maurício Santana Moreau
Raquel da Silva Ortega
Sabrina Nascimento

Tanya L. Saunders

MODERNIDADE NEGRA

Tradução de Jess Oliveira



HIP HOP,
ARTIVISMO,
MUDANÇA SOCIAL
& EM HAVANA

Ilhéus - BA



Editora da UESC

2021

Copyright ©2021 by TANYA L. SAUNDERS
TRADUÇÃO JESS OLIVEIRA

Direitos desta edição reservados à
EDITUS – EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

DIAGRAMAÇÃO
Tikinet Edição LTDA

CAPA E FINALIZAÇÃO
Deise Francis Krause

REVISÃO
Roberto Santos de Carvalho
Tikinet Edição LTDA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S257

Saunders, Tanya L.

Modernidade negra: hip hop, ativismo e mudança
social em Havana / Tanya L. Saunders; tradução Jess
Oliveira. – Ilhéus, BA: Editus, 2021.
388 p.: il.

Referências: p. 378-388.
ISBN: 978-65-86213-35-5

1. Negros – Cuba. 2. Identidade cultural. 3. Feminismo.
4. Relações de gênero. 5. Relações étnicas e raciais. I.
Oliveira, Jess. II. Título.

CDD 305.8

Elaborado por Quele Pinheiro Valença CRB 5/1533

EDITUS – EDITORA DA UESC

Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028
www.uesc.br/editora
editus@uesc.br



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



Para minha mãe 😊

Para artistas, intelectuais e ativistas de Cuba
que trabalham para a mudança social.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade da Flórida por financiar parte dos gastos da tradução ao português. Este livro começou com uma oportunidade de pesquisa de graduação na St. Mary's College de Maryland (SMCM). Gostaria de agradecer ao Jorge Rogachevsky e à SMCM pelo apoio à minha pesquisa de graduação em Cuba. Sou grata pela orientação de Jorge quando eu era uma estudante na SMCM, que incluiu uma apresentação a Miguel Barnet. Obrigada Miguel Barnet e pesquisadorxs^{1,2} e intelectuais da Fundação Fernando Ortiz pelo apoio à minha pesquisa de graduação e pós-graduação em Cuba. Como estudante de graduação e durante os primeiros anos de meus estudos de pós-graduação, conheci também intelectuais cubanxs que se tornaram meus mentores e mentoras: Víctor Fowler Calzada, Tomás Fernández Robaina, Roberto Zurbano Torres, Graciela Chailloux Laffita e Norma Guillard Limonta.

Gostaria também de agradecer aos/às artistas, ativistas, estudiosxs e amigxs, inclusive a Ricardo Freitas, Yesenia Fernandez Selier, Sahily Borrero, Odaymara Cuesta, Olivia Prendres, Wanda Cuesta, Yompi do Junior Clan, David do Grupo OMNI, Etián “Brebaje Man”, Arnau Lizaire, DJ Leydis Freire, DJ Yari, Yanelis Valdés, La Yula, Grizel Hernández, NoNo12 (conhecida informalmente como NoNo), Alexey-el tipo este, Magia MC, Alexis “DJ D’Boys”, Rodríguez Mikel El Extremo, Ivonne Chapman Mill, Mariela Castro Espín, Yarima, Yuri, Pablo Herrera, Ariel Fernández, La Fina, La Javá, Las Positivas, La Real, La Reyna, Miki Flow, Randy Acosta, Apolonia Guilarte, Sekou, Vanessa Díaz, Julio Cadenas, Cross, Rodolfo Rensoli,

-
- 1 Nos Estados Unidos, há uma movimentação para o uso de “@” em vez de “o” em palavras do espanhol que terminam na forma masculina. O @ destina-se a refletir todos, todas e todes, incluindo homens e mulheres e outros gêneros, pois “@” se parece com os finais masculino e feminino juntos. Além disso, nos países de língua portuguesa e de língua espanhola, nos últimos anos, o uso de “x” em vez de “o” aparece para representar uma diversidade de gêneros, como alternativa ao binarismo masculino e feminino. Esta estratégia tem sido usada especialmente em Cuba nos últimos anos, como resultado das intervenções do grupo do Las Krudas CUBENSI, do MHHUC. Las Krudas têm brincado muito com a linguagem nos últimos anos, num esforço para desenvolver uma linguagem em espanhol que reflita a diversidade de gênero e sexual. Deitando-se com este uso quando estava em um evento feminista na Guatemala por volta de 2007, Olivia Prendres Riverón percebeu que o “x” era uma “ótima” alternativa para “@” e decidiu usá-lo.
 - 2 N. da T.: A tradução rejeitou o uso do masculino universal, buscando uma linguagem mais neutra através de diversas estratégias textuais. Mesmo sabendo que o uso do “x” não é inclusivo para uma série de indivíduos, entendemos que o masculino universal tampouco o é. Assim, em muitos momentos, o uso do “x” tornou-se inevitável. Seu uso também foi necessário para que a tradução refletisse os questionamentos linguísticos operados em Cuba na época em que o livro foi escrito.

Michael Oremas, La Fina, La Real, Lourdes “La Cimarrona” Suárez, Ángel Candeaux, Jessel Fernández, Isnay “El jugue” Rodríguez, Lou Piensa, Telmary Díaz, Nehanda Abiodun, María Teresa Linares, e muitxs, muitxs mais, que compartilhavam comigo suas casas, experiências e amizade. Agradeço ao Larry La-Fonte-Stokes, Celiany Rivera-Velázquez, Aisha Durham, Yaba Blay, Gladys Mitchell, Ivonne Chapman Mil, Yuri, Yarima, Yinet “La Habichuela” Rodríguez, Esther, Zulma Oliveras Vega, Christina Hanhardt, R. L’Heureux Lewis-McCoy, Eli Jacobs-Fantauzzi, Gayatri Gopinath, Isabel Cordova, Jafari S. Allen, Teiji Maeda, Agustín Laó-Montes, Marysol Asencio, Enid Logan, Alfred DeFreece, Chavella Pittman, Vera Fennell, Seth Moglen, Monifa Bandele, Abel Sierra Madero, Ariel Meilich, Dalia Acosta, Sujatha Fernandes, Mignon Moore, Kelly Anderson e Salvador Vidal-Ortiz pelo apoio e feedback ao longo deste projeto. Obrigada Kim Greenwell por dividir a mesma visão para este projeto e me ajudar a vislumbrar sua viabilização. Gostaria também de mandar um salve e agradecimento à Lehigh University, especialmente aos/às colegas do Programa de Estudos Africana³ e Estudos da Mulher pelo apoio. Agradeço a minha família, incluindo meu tio Fred McRae Jr., que achou uma ótima ideia começar a falar com uma criança de oito anos sobre “a revolução”.

3 N. da T. *Africana Studies* é outro nome para *African Diaspora Studies* [Estudos da Diáspora Africana].

NOTA DA TRADUTORA

A tradução desta obra se deu através do diálogo com a autora durante aproximadamente 4 anos (2016-2020). O que é, além de uma grande satisfação para quem traduz, um enriquecimento e amadurecimento da própria tradução. Como parte do que Patricia Hill Collins (2013) chamou de “ativismo intelectual” debatemos acerca dos trânsitos epistêmicos que nossas teorias, neologismos, torções linguísticas, ações e a própria tradução preta cuír causam (em) nossos entendimentos de mundos. A inventividade linguística de nossas comunidades pretas cuírs em toda a diáspora é produção epistêmica e de vida, sendo um de nossos legados críticos e culturais, e não pode ser higienizada por uma gramática colonial.

Este livro oferece ao público leitor de português perspectivas pretas cuírs da modernidade nas Américas, traçando uma genealogia desde a Revolução do Haiti e se concentrando no caso cubano. Deste modo, a obra contribui para discussões sexo/gênero dissidentes no Brasil a partir de e através de diálogos com produções teóricas, práxis sociais e artísticas caribenhas e estadunidenses de pessoas LGBTTQIA+ que são alvo da racialização. Saunders, por meio de seu estudo e vivência no Movimento Hip Hop Underground Cubano, faz ecoar as mensagens do grupo, que nos lembra que a crítica *queer of color* sempre foi articulada pelo ativismo feminista Negro e transnacional, que a identidade Negra nos EUA não pode ser entendida como modelo ou epicentro de negritudes na diáspora, que as desigualdades da sociedade cubana são principalmente enfrentadas por suas populações Negras e Indígenas, e que a Revolução Cubana de 1959, ao contrário do que prega, não erradicou o racismo na Ilha, mas resultou na repressão e apagamento de culturas Negras e Indígenas na Ilha.

Modernidade Negra: Hip Hop, Ativismo e Mudança Social em Havana reivindica histórias negras, legados *queer*, bem como a cultura hip-hop para comunidades Negras-latinas nas Américas, desafiando o isolamento linguístico, o racismo antinegro e a LGBTTQIAfobia, causas e consequências da falta de traduções de pensadorxs cuír Negrxs, Latinxs, Asiáticxs, Indígenas em contexto brasileiro. Esta tradução é parte da nossa “reintegração de posse” como nos lembra Érica Malunguinho, deputada estadual de São Paulo. E é, sobretudo, parte da alegria em nos ler, nos conhecer, nomear, desnomear, desviar, e principalmente, fugir de capturas epistêmicas operadas pela academia hetero cisgênera branca, herdeira direta de legados coloniais.

Jess Oliveira
Salvador, 15 de julho de 2020.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	16
1.1 A RACIALIZAÇÃO DA CULTURA E A CONTRADIÇÃO DA MODERNIDADE NA AMÉRICA LATINA.....	28
1.2 POLÍTICA CULTURAL E ATIVISMO ARTÍSTICO EM CUBA E NA AMÉRICA LATINA.....	34
1.3 NEGRITUDE HEMISFÉRICA, POLÍTICAS IDENTITÁRIAS NEGRAS E A DIÁSPORA AFRICANA.....	38
1.4 RUMO A UMA CRÍTICA FEMINISTA NEGRA E A UMA CRÍTICA QUEER OF COLOR.....	47
1.5 CULTURAS MUSICAIS NEGRAS, HIP HOP E O SOM DA REVOLUÇÃO.....	51
1.6 O EMERGENTE CAMPO DOS ESTUDOS DE HIP HOP.....	54
1.7 O HIP HOP COMO ESFERA PÚBLICA NEGRA.....	56
1.8 REALOCANDO NEGRITUDE E LATINIDADE NOS ESTUDOS DE HIP HOP NACIONAIS, REGIONAIS E GLOBAIS.....	59
1.9 FEMINISMO HIP HOP TRATA DE RAÇA, GÊNERO E SEXUALIDADE.....	63
1.10 PLANO DO LIVRO.....	65
2 HISTORICIZANDO RAÇA, POLÍTICAS CULTURAIS E CULTURAS MUSICAIS CRÍTICAS EM CUBA.....	68
2.1 HISTORICIZANDO RAÇA EM CUBA.....	72
2.2 O PERÍODO COLONIAL.....	74
2.3 CUBA PÓS-INDEPENDÊNCIA.....	77
2.4 RAÇA E REVOLUÇÃO CUBANA.....	79
2.5 GÊNERO E SEXUALIDADE DURANTE O PERÍODO REVOLUCIONÁRIO.....	80
2.6 O PERÍODO ESPECIAL: OS ANOS 1990.....	87
2.7 CULTURA, POLÍTICA E MUDANÇA SOCIAL PÓS-1959: O SURGIMENTO DA ESFERA CULTURAL POLITIZADA DE CUBA.....	91
2.8 ATIVISMO MUSICAL: A CENA MUSICAL ALTERNATIVA CUBANA.....	101
3 LA REVOLUCIÓN DENTRO DE LA REVOLUCIÓN: A REVOLUÇÃO DENTRO DA REVOLUÇÃO.....	110
3.1 HIP HOP, CUBA, E OS DESAFIOS DA AFRODESCENDÊNCIA PARA A COLONIALIDADE.....	111
3.2 “LOOPING IT”: JUVENTUDE CUBANA E O HIP HOP DOS EUA.....	121
3.3 O DESENVOLVIMENTO DE UM MOVIMENTO: REDEFININDO ARTE, NEGOCIANDO O ESTADO CUBANO.....	131

3.4 CONTÍNUOS DIASPÓRICOS NO HIP HOP UNDERGROUND CUBANO.....	140
3.4.1 Alexey	145
3.4.2 Michael	147
3.4.3 Yompi.....	150
3.5 JUVENTUDE CUBANA / ESTÉTICA RADICAL NEGRA: OS SÍMBOLOS E IDEOLOGIAS DO MHHUC	152
3.6 PENSAMENTOS CONCLUSIVOS.....	161
4 BRANQUITUDE, MULATINIDADE, NEGRITUDE	166
4.1 IDENTIDADES E POLÍTICAS RACIAIS DENTRO DO MOVIMENTO HIP HOP UNDERGROUND CUBANO.....	167
4.1.1 Branquitude.....	169
4.1.2 Mulatinidade	180
4.1.3 Negritude.....	196
4.2 PENSAMENTOS CONCLUSIVOS.....	205
5 “NUNCA FALARAM COM VOCÊ DESSE JEITO”	206
5.1 EXAMINANDO O LÉXICO DOS DISCURSOS ARTIVISTAS DO HIP HOP UNDERGROUND CUBANO	207
5.1.1 Revolução/Revolucionárix.....	208
5.1.2 Ativismo, Ativistas	213
5.1.3 Pobreza, Marginalização.....	220
5.1.4 Underground, Comercial.....	227
5.2 OBSERVAÇÕES FINAIS	238
6 “SOU FEMINISTA, MAS NÃO ODEIO HOMENS”.....	240
6.1 DISCURSOS FEMINISTAS NEGROS EMERGENTES E POLÍTICAS IDENTITÁRIAS NO MOVIMENTO HIP HOP UNDERGROUND CUBANO	241
6.2 GÊNERO, RAÇA, POLÍTICAS ESTATAIS E IGUALDADE SEXUAL APÓS 1959	242
6.2.1 Mulheres, o Estado e o Feminismo Hip Hop	245
6.2.2 Música Negra, Mulheres Negras e Feminismo Hip Hop	248
6.3 OS DEBATES FEMINISTAS HIP HOP: ANALISANDO CRITICAMENTE O TRABALHO DAS MULHERES MCS.....	250
6.3.1 Criando Espaço para Mulheres e Ancestralidade Afro-cubanas no MHHUC: Magia MC	250
6.3.2 Desafiando os Limites do Feminismo Hip Hop: Magia e Las Krudas CUBENSI.....	267
6.3.3 Múltiplos Feminismos, Múltiplas Realidades: MC Cristiane	275
6.4 CONCLUSÃO.....	291

7 CONHECIMENTO KRUDA, DISCURSO KRUDA	296
7.1 LAS KRUDAS CUBENSI, FEMINISMO NEGRO TRANSNACIONAL E A CRÍTICA QUEER OF COLOR.....	297
7.2 APRESENTANDO LAS KRUDAS CUBENSI	304
7.3 TROPAZANCOS: OS PRIMEIROS ANOS DE LAS KRUDAS CUBENSI	306
7.4 LAS KRUDAS: RAPPERS UNDERGROUND	309
7.5 O DISCURSO FEMINISTA NEGRO DE LAS KRUDAS.....	312
7.6 A INTERVENÇÃO LÍRICA DO GRUPO LAS KRUDAS.....	322
7.7 A INCORPORAÇÃO DE LAS KRUDAS NO MHHUC.....	327
7.8 COMO EXISTE A HETEROSSEXUALIDADE, EXISTE A HOMOSSEXUALIDADE	331
7.9 DISCURSO KRUDA E A CRÍTICA QUEER OF COLOR	338
7.10 REAÇÕES AO TRABALHO DE LAS KRUDAS.....	340
7.11 O RETORNO DE LAS KRUDAS A CUBA EM 2010	348
8 CONCLUSÃO	354
8.1 A TRANSFORMAÇÃO DO MOVIMENTO	360
8.2 NOVO FEMINISMO CARIBENHO: A (RE)EMERGÊNCIA DO FEMINISMO NEGRO EM CUBA NO PÓS-PERÍODO ESPECIAL CUBANO	371
8.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	375
REFERÊNCIAS	378